



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A psicanálise e a *Weltanschäuung* científica^{1,2}
The psychoanalysis and the scientific *Weltanschäuung*^{1,2}
La *psychanalyse* et la *Weltanschäuung* scientifique^{1,2}

Flavia Lana Garcia de Oliveira

Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Bolsista PNPd-CAPES (Rio de Janeiro, Brasil)
Foi Professora Substituta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Áreas Psicologia Clínica e Psicanálise (2018-2019) (Niterói, Brasil)
Coordenou o Grupo de Estudos na UFF sobre Psicanálise e Ciência (2019) (Niterói, Brasil)
Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana – ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
E-mail: flavianago@gmail.com

Angelo Márcio Valle da Costa

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil)
Graduando em Iniciação Científica pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)
Integrou o Grupo de Estudos na UFF sobre Psicanálise e Ciência (2019) (Niterói, Brasil)
E-mail: angelomvcosta@hotmail.com

Ariel Moura Alves

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil)
Graduanda em Iniciação Científica pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)
Integrou o Grupo de Estudos na UFF sobre Psicanálise e Ciência (2019) (Niterói, Brasil)
E-mail: arielmoura43@gmail.com

Gabriel Louis Magalhães Galliza

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil)
Graduando em Iniciação Científica pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)
Integrou o Grupo de Estudos na UFF sobre Psicanálise e Ciência (2019) (Niterói, Brasil)
E-mail: gimgalliza@gmail.com

Danilo Placeres Caetano

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil)
Integrou o Grupo de Estudos na UFF sobre Psicanálise e Ciência (2019) (Niterói, Brasil)
E-mail: danilopcaetano@gmail.com

Daniel Barros

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil)
Integrou o Grupo de Estudos na UFF sobre Psicanálise e Ciência (2019) (Niterói, Brasil)
E-mail: d_a_barros@hotmail.com

Resenha do livro:

Freud, S. (2010). *Acerca de uma visão de mundo. Novas Conferências Introdutórias XXXV* (pp. 321-354). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho Original Publicado em 1933).

Freud (1912/1996), ao afirmar que, para o método psicanalítico, pesquisa e tratamento coincidem, destaca que a atitude clínica é uma atitude investigativa, referida, ao mesmo tempo, a um repertório conceitual, cuja matriz é a hipótese do inconsciente, e ao que cada caso pode surpreender em sua particularidade. Esse saber-fazer pressupõe um posicionamento ético que sustente o espírito científico, um desejo de avançar para além dos eventos e alcançar as coordenadas da estrutura que os causam. É nessa direção que a Conferência *Acerca de uma visão de mundo* ou *A questão de uma Weltanschauung*, proferida por Freud em 1933, promove elucidações muito importantes para uma introdução ao estatuto da intervenção psicanalítica e às relações entre psicanálise e ciência.

O estudo dessa conferência ganha um maior norteamento à luz da tese formulada por Lacan (1966/1998), em *A ciência e a verdade*, acerca da equação entre os sujeitos da ciência e da psicanálise. Lacan recorre à suposição do historiador e filósofo Alexandre Koyré acerca da existência de um corte entre o mundo antigo e o mundo moderno, o qual marca o advento da ciência moderna como um divisor de águas discursivo que permite a constituição de um sujeito inédito. Portanto, *Acerca de uma visão de mundo*, pode ser lido, na linha da orientação lacaniana, como um texto que fornece balizas sobre como o surgimento da psicanálise depende do nascimento da ciência moderna, com isso podendo situar o indivíduo moderno e as correntes ideológicas daí decorrentes. Conforme ressaltam Coelho dos Santos e Lopes (2013), o advento do Estado moderno abole o domínio exercido pela crença no poder de Deus, do Rei e do Papa, instaurando um mundo laico e racional. A perda do referente medieval responsável pela fixação de todos os sentidos e a constituição do ideal da racionalidade inaugurado por Descartes e Galileu corresponde ao aparecimento de uma posição subjetiva: o indivíduo entendido como consciência de si, que recalca sua dívida com a tradição e, por isso mesmo, comparecendo como obstáculo ao desenvolvimento da própria ciência. São as relações entre essa modalidade de constituição psíquica e as crenças formadoras de visões de mundo que surgiram ao longo dos séculos que Freud parece elucidar ao longo da *Nova Conferência Introdutória* sobre a qual nos debruçamos.

Já no início da Conferência, Freud (1933/2010, p. 321) apresenta uma questão instigante a ser abordada, definida por ele como um "passo ousado": levaria a psicanálise a uma visão de mundo? Caso sim, qual seria ela? Em seguida, o autor demonstra que o surgimento de crenças e visões de mundo se articula essencialmente à experiência do

desamparo inerente à condição humana, na tentativa de contorná-lo com sentidos que apaziguam a inevitável angústia relativa às incertezas da vida. A esse respeito, afirma Freud:

Entendo que uma visão de mundo é uma construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitárias todos os problemas de nossa existência, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta, e tudo que nos concerne tem seu lugar definido. É fácil compreender que a posse de uma visão de mundo se inclui entre os desejos ideais do ser humano. Acreditando numa visão de mundo, podemos nos sentir seguros na vida, saber a que devemos aspirar e como alocar da maneira mais apropriada os nossos afetos e interesses. (p. 322).

Tomando esse pressuposto, duas formulações são enunciadas na sequência do texto: 1) A psicanálise “é totalmente inadequada para criar uma visão de mundo própria” (p. 322); 2) Ela “deve aceitar aquela da ciência” (p. 322) [...] “Sua contribuição à ciência consiste exatamente em estender a investigação à esfera científica” (p. 323). Freud acrescenta que a visão de mundo científica se particulariza por adiar o projeto de obtenção de uma explicação definitiva para o mundo, mantendo-o como uma ambição pertencente a um futuro imprevisível, suportando a limitação do que é cognoscível no momento e recusando artifícios que são nitidamente estranhos ao seu método. Baseia-se na premissa de que:

[...] não há outra fonte de conhecimento do mundo senão a elaboração intelectual de observações cuidadosamente chegadas, isto é, o que chamamos de pesquisa, não existindo, ao lado dela, nenhum conhecimento derivado de revelação, intuição ou adivinhação. (p. 323).

Do ponto de vista da psicanálise, o espírito científico representa o advento de um novo modo de pensar organizado por processos secundários que permitem a possibilidade de decifrar os fenômenos perceptíveis à luz de uma estrutura legível em termos de leis e princípios lógicos. Trata-se de um enfoque que supõe a dessexualização da abordagem da realidade, o que envolve o ultrapassamento de uma interpretação imaginária do mundo. O cogito cartesiano surge dessa operação de esvaziamento, dessubstancializado, desancorado de todas as suas aderências naturais. Diz Freud:

[...] A ciência toma nota do fato de que a psique humana cria exigências e está pronta para examinar suas fontes, mas não tem o menor motivo para reconhecê-las como

sendo justificadas. Pelo contrário, ela se vê exortada a distinguir cuidadosamente entre o saber e tudo que é ilusão, resultado dessa exigência afetiva. (p. 324).

Por se inserir na visão de mundo científica, a psicanálise se dedica a considerar e a intervir sobre a propensão humana a se apoiar em crenças e fantasias, na medida em que este parece ser um destino inexorável diante do estado originário de dependência de ações específicas dos Outros primordiais que marcam nossa existência desde o início. Ao longo do texto, Freud se debruça sobre visões de mundo não-científicas que possuem expressividade na cultura, tais como a religião e a filosofia. Demonstra como as bases psíquicas da *Weltanschauung* religiosa repousam sobre um grande apelo à referência paterna, prolongando, através do culto ao deus-criador, a crença na figura do pai superestimado em seus poderes na infância. Essa crença na potência do Pai como garantidora da integridade do indivíduo, que na época medieval se predominava de modo absoluto, passa a ser recalcada e localizada com novo estatuto na incidência paterna no núcleo familiar moderno. Na Modernidade, a religião se torna uma questão de consciência individual (Coelho dos Santos, 2001). A família moderna é tomada como um dispositivo que introduzirá a criança em um legado simbólico que envolve o consentimento com a intervenção externa que exerce uma autoridade simbólica humanizadora por definir lugares discursivos e destinos pulsionais em conformidade com a Cultura. O eleição do totem e os tabus que inibem as inclinações pulsionais ao incesto e ao parricídio representam um marco de exteriorização do ideal fundamental para a diluição da inacessibilidade narcísica.

Freud também mostra que a instauração do caráter monoteísta de ligação libidinal a uma figura divina idealizada com poderes pacificadores é precedida pelo animismo e pela magia, nos quais os processos primários de pensamento imperam irrestritamente. A ausência de uma autoridade suprema e reguladora dá ensejo à certeza na onipotência narcísica dos pensamentos e à certeza na ação mágica das palavras, verificáveis sob a forma de restos sintomáticos nas neuroses obsessivas. A passagem do animismo para a religião se dá pela mediação do totemismo. Freud recupera suas observações formalizadas em 1913, no texto *Totem e tabu*, assinalando que essa mudança se explica por “uma reviravolta nas circunstâncias da família humana” (p. 332) que empreende uma vinculação psíquica do medo ante os demônios. Nessa direção, “[...] enquanto resíduo da época pré-histórica, o espírito mau conservou um lugar no sistema da religião” (p. 332). Por intermédio da religião, um escudo protetor aos excessos da pulsão de morte se edifica no lastro da crença em uma transcendência que escamoteia a angústia, ao fornecer significações prévias para os problemas humanos, tais como a morte, o desamparo e a sexualidade.

A razão científica contraria essa visão de mundo, na medida em que sustenta um exame crítico questionador das ficções humanas. Freud não conta com uma disposição humana

a esta atividade: "O caminho da ciência é mesmo assim, lento, hesitante, laborioso. É algo que não se pode negar ou mudar. Não surpreende que os senhores do outro partido estejam insatisfeitos; eles estão mal-acostumados: com a Revelação tudo era mais fácil" (p. 343). À esta altura da Conferência, Freud se direciona para uma problematização das visões de mundo niilista, anarquista e marxista, apontando os riscos que tais correntes correm de se distanciar do rigor científico. De um lado, o relativismo niilista parece abolir o próprio espírito científico, se aproximando do misticismo. De outro, seria possível restringir todos os impasses sociais a determinações econômicas? Eis um ponto que Freud levanta como uma interrogação com base na experiência soviética. Quanto ao anarquismo, nas palavras de Freud: "Posso apenas dizer que a teoria anarquista parece formidavelmente superior enquanto está relacionada a opiniões sobre coisas abstratas; ela fracassa tão logo entra na vida prática" (p. 346). Com isso, Freud ressalta que não é possível subestimar a forças psíquicas que constituem cada sujeito a partir de uma resposta frente à castração. Elas não são arbitrárias, nem dispersas, nem inferíveis de forma facultativa. Novamente nas palavras de Freud:

Os atos dos homens são dirigidos por suas opiniões, seus conhecimentos, e o espírito científico que especula acerca da estrutura do átomo ou da origem do homem é o mesmo que planeja a construção de uma ponte sólida. Se realmente não importasse o que pensamos, se entre nossas opiniões não houvesse conhecimentos que se distinguíssem por sua correspondência com a realidade, poderíamos construir pontes tanto de pedra como de papel, ministrar a um paciente um decigrama de morfina, em vez de um centigrama, ou usar gás lacrimogêneo como anestésico, em vez de éter. (p. 346-347).

Freud compara o processo analítico ao percurso científico, ressaltando que: "O progresso, no trabalho científico, ocorre de maneira muito semelhante ao de uma análise" (p. 343). Ora, a psicanálise, ao contribuir para a visão de mundo científica, devolve à ciência a dimensão libidinal do gozo, do inconsciente e das satisfações pulsionais que a ciência tendeu a desconsiderar. O despreendimento da tradição aspirado pela ciência não é possível, ao custo de pôr em xeque a própria eficácia simbólica do espírito crítico. Lacan (1966/1998) defende que a psicanálise opera reintroduzindo o Nome-do-Pai na consideração científica. A psicanálise reintroduz a dívida simbólica, ao decifrar, caso a caso, como cada neurótico recalçou a posição de objeto do desejo do Outro da qual partimos e não podemos prescindir para que possamos advir enquanto sujeitos.

Notas

1. Esta resenha é resultante de um percurso de trabalho de leitura, fichamento e discussão do texto de Freud (1933/2010) *Acerca de uma visão de mundo*, realizado no âmbito de um grupo de estudos na Universidade Federal Fluminense, campus Niterói, orientado pela Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira, que, na ocasião, era Profa. Substituta nesta mesma Universidade, setorizada nas áreas de Psicologia Clínica e de Psicanálise no Instituto de Psicologia.
2. Esse grupo de trabalho foi expandido, com a entrada de discentes da graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e atualmente encontra-se vinculado à Iniciação Científica voltada para Introdução à Teoria da Clínica Psicanalítica. Tal atividade se insere no Projeto de Pós-Doutorado, da Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, com financiamento do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES (PNPD-CAPES).

Referências Bibliográficas

- Coelho dos Santos, T. (2001). Que precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e laços sociais: Bertrand Brasil.
- Coelho dos Santos, T. C. dos & Lopes, R. G. (2013). *Psicanálise: ciência e discurso*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 125-133). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912).
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In Lacan, J. (Autor). *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1966).
- Oliveira, F. L. G. de. (2016). Do corte científico à invenção de um sujeito inédito: sobre a inserção da psicanálise no campo da ciência. *Psicologia em Revista*. 22(1), 254-257.
- Oliveira, F. L. G. de. (2019). *Anotações de grupo de estudos na UFF*. Niteroi.

Citação/Citation: Garcia de Oliveira, F.L.; Valle da Costa, A.M.; Caetano, D.; Moura, A.; Galliza, G.; Barros, D. (nov. 2018 a abr. 2019). A psicanálise e a Weltanschauung científica. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 142-147. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p142-147

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 03/08/2018 / 08/03/2018.

Aceito/Accepted: 12/10/2018 / 10/12/2018.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

